

INSTITUTO TÉCNICO MILITAR
DOS PUPILOS DO EXÉRCITO

Finalistas 5

67-68



| | | |
|--|-----------|-----|
| Manuel Nunes Elisiário | Aluno n.º | 15 |
| Carlos Alberto Henriques Cardoso | » | 53 |
| Domingos Rita Ribeiro | » | 56 |
| João José Meneses Carapinha | » | 74 |
| António Ribeiro da Silva | » | 93 |
| Joaquim João Pinheiro Pinto | » | 99 |
| Victor Manuel Toureiro dos Santos Tendeiro | » | 113 |
| João Anselmo Domingues Lopes | » | 157 |
| Orlando da Silva Mateus | » | 183 |
| Alfredo José de Jesus Sousa | » | 195 |
| Victor Ferreira de Campos | » | 217 |
| João Lobato Ferreira | » | 232 |
| António Augusto da Cruz Vilas Boas | » | 234 |
| António Monteiro Reveles | » | 350 |

Castillos de arena...
Castillos de arena...
Castillos de arena...
Castillos de arena...
Castillos de arena...

Castillos de arena...
Castillos de arena...
Castillos de arena...
Castillos de arena...
Castillos de arena...

Reflectindo

Castillos de arena...
Castillos de arena...
Castillos de arena...
Castillos de arena...
Castillos de arena...

Castillos de arena...
Castillos de arena...
Castillos de arena...
Castillos de arena...
Castillos de arena...

Castillos de arena...
Castillos de arena...
Castillos de arena...
Castillos de arena...
Castillos de arena...

Castillos de arena...

— *Anteontem...*

Castelos de espuma

Ornados de flores.

Os nossos sonhos de criança...

Partiram!

— *Ontem...*

Castelos de cinza

Ornados de fumo.

Os nossos sonhos de adolescentes...

Voaram!

-- *Hoje...*

Castelos de pedra

Ornados de honra.

Os nossos sonhos de PILÕES...

Existem!

— *Amanhã...*

Castelos de lutas

Ornados de dúvidas.

Os nossos sonhos de HOMEM...

Vencerão?

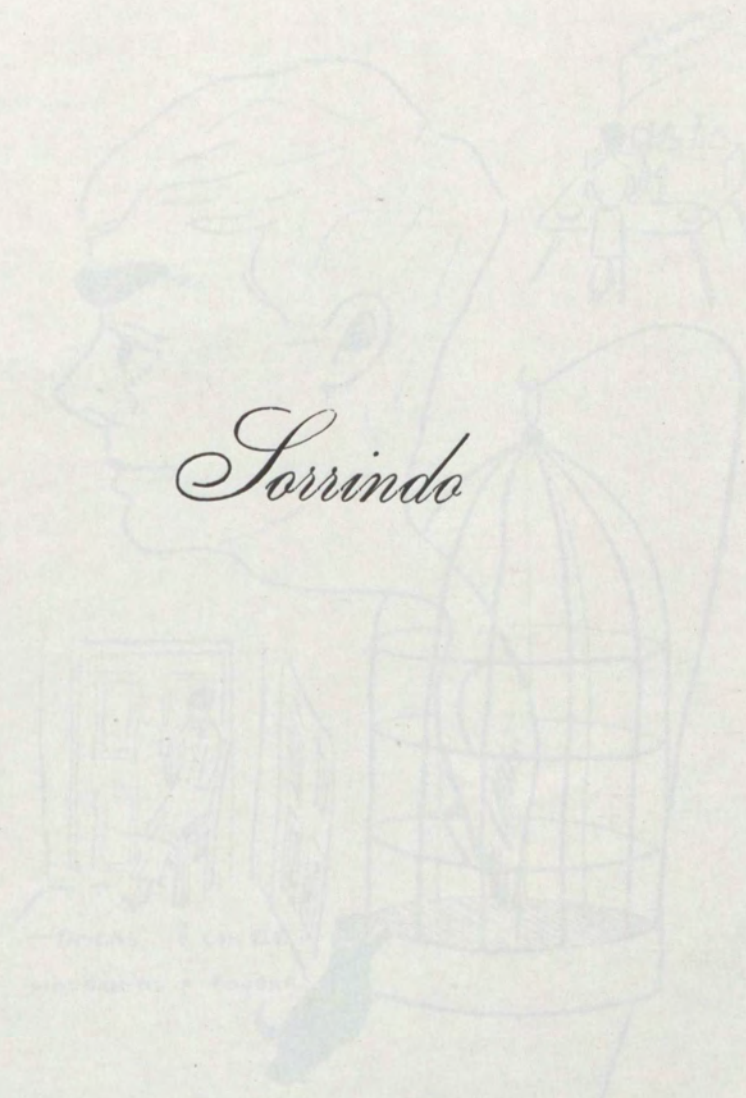
Somos Pilões.

«QUERER E' PODER.»

Segundo *Pedro Júnior*

Alfredo José de Jesus Souza

c. x. o.



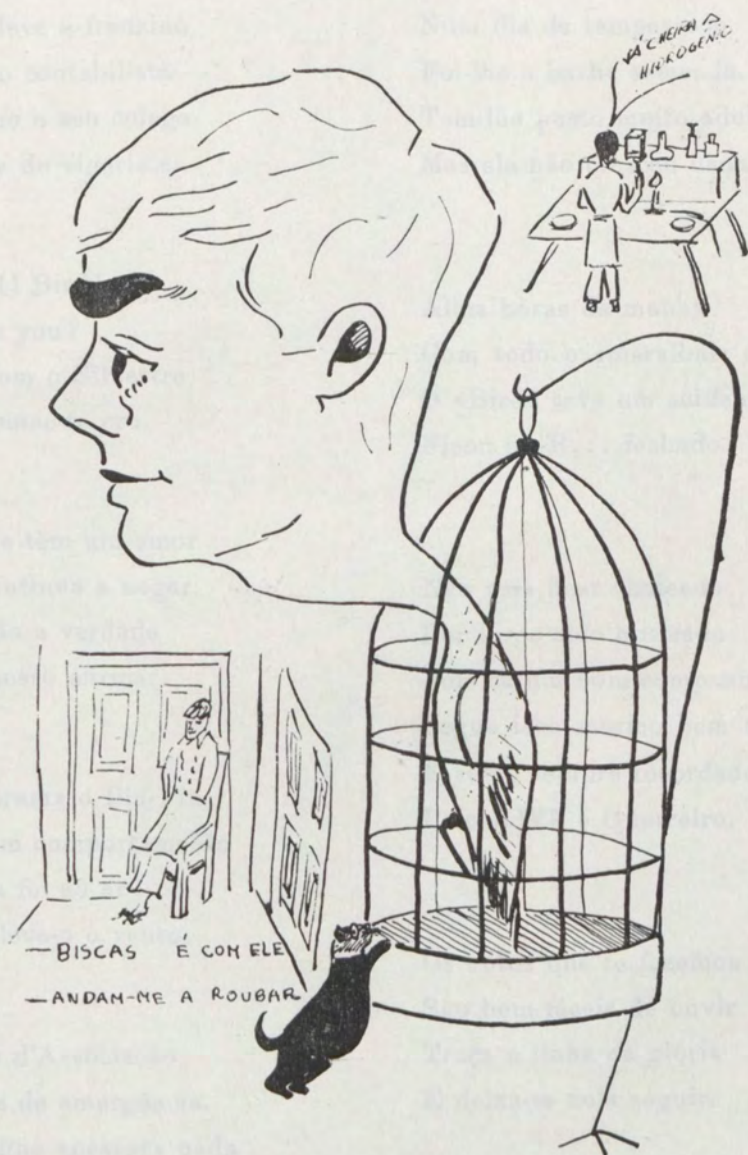
Sorrindo

Por não haver um poeta
Que o possa imitar
Vai-me nesta noite escura
A sua história contar

Se não sou eu
Vou eu a fazer os versos
Por não ter ninguém a quem
Falar a minha história

Alfredo José de Jesus Sousa

C. M. C.



Por não haver um poeta
Que o queira criticar
Vamos nesta rima incerta
A sua história contar

Há oito anos atrás
Veio d'Abrantes disparado.
Por lhe ter faltado o «gás»
Ficou aqui estacionado.

Pequeno, leve e franzino
Eis o outro contabilista
Assim como o seu colega
Tem a arte de vigarista.

Bird! Bird! Bird!
Where are you?
Cuidado com o Silvestre
Se te vê, come-te cru.

Fala-se que tem um amor
Mas ele continua a negar.
Se é ou não a verdade
Isso não posso afirmar.

«Prejudicaram» o Piu-Piu
No seu bom comportamento
A medalha foi ao ar
O prémio leva-o o vento.

Nos bailes d'Associação
Faz saídas de emergência.
Não consegue «pescar» nada
E' por falta d'experiência.

Num dia de tempestade
Foi-lhe a barba semeada.
Tem-lhe posto muito adubo
Mas ela não cresceu nada.

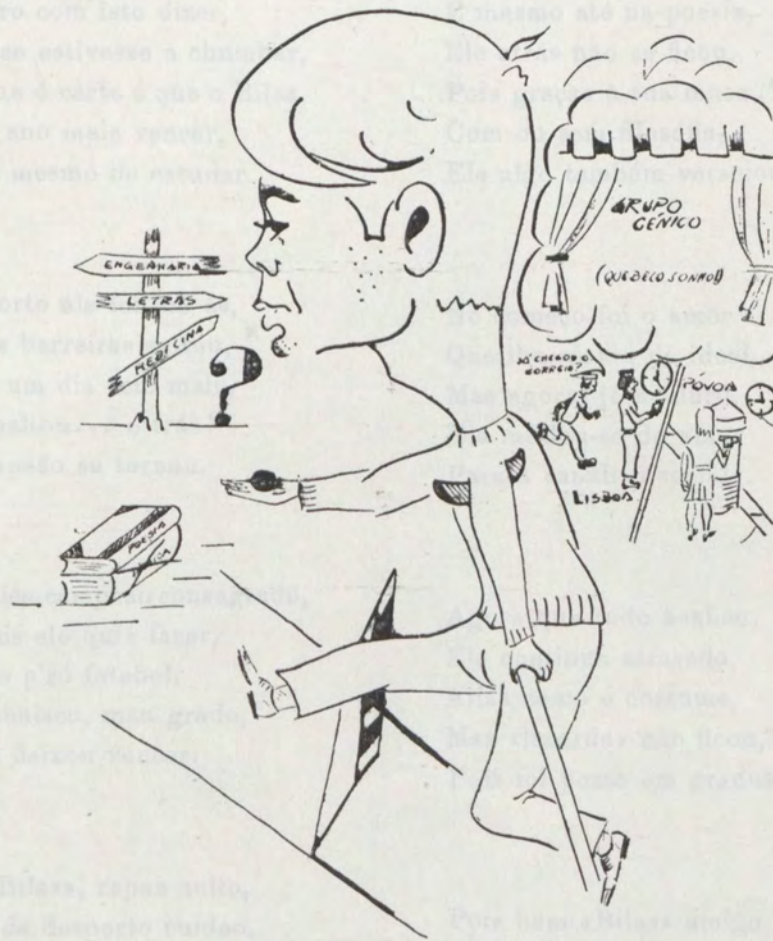
Altas horas da manhã
Com todo o «maralhal» deitado
O «Bird» teve um acidente
Ficou na R... fechado.

Não vais ficar chateado
Por teres sido criticado
Pois és um bom companheiro.
Segue isso mesmo bem traçado
E serás sempre recordado
Pelo RWP e Guerreiro.

Os votos que te fazemos
São bem fáceis de ouvir
Traça a linha da glória
E deixa-te nela seguir.

António Augusto da Cruz Vilas Boas

C. M. E. M.



Quando há anos cá chegou
De nariz arrebitado,
Trocando os vv pelos bb,
Ele notado se tornou,
E de «Bilas» foi alcunhado.

Ele porém não se zangou,
Por ser assim alcunhado,
Nem mesmo quando a «malta»
«Narizinho» lhe chamou
Por seu nariz emproado.

Pelo nosso Director,
Um dia ele foi caçado,
A «nossa» relva a calcar,
E p'rá separação levado
Não pôde um prémio ganhar.

Começou por estudar,
Com vontade e com ardor,
Mas depois... foi o desastre:
Começou a querer amar,
E pronto... perdeu o vapor!

Não quero com isto dizer,
Que quase estivesse a chumbar,
Mas o que é certo é que o Bilas,
P'ra um ano mais vencer,
... teve mesmo de estudar.

E mesmo até na poesia,
Ele atrás não se ficou,
Pois graças à sua musa (?)
Com ou sem filosofia,
Ele algo também versejou.

No desporto ele foi um ás,
E muitas barreiras saltou,
Até que um dia sem mais,
Saltou, saltou... e trás!
Vice-campeão se tornou.

No começo foi o amor
Que lhe serviu de ideal,
Mas agora, já maduro,
Ele mudou-se do amor
Para a «análise social».

Assim, vice-campeão consagrado,
Algo mais ele quiz fazer,
Entrando p'ró futebol.
Mas o menisco, mau grado,
Nunca o deixou vencer.

Agora que tudo acabou,
Ele continua atrasado,
Aliás como é costume,
Mas «lacerda» não ficou,
Pois foi posto em graduado.

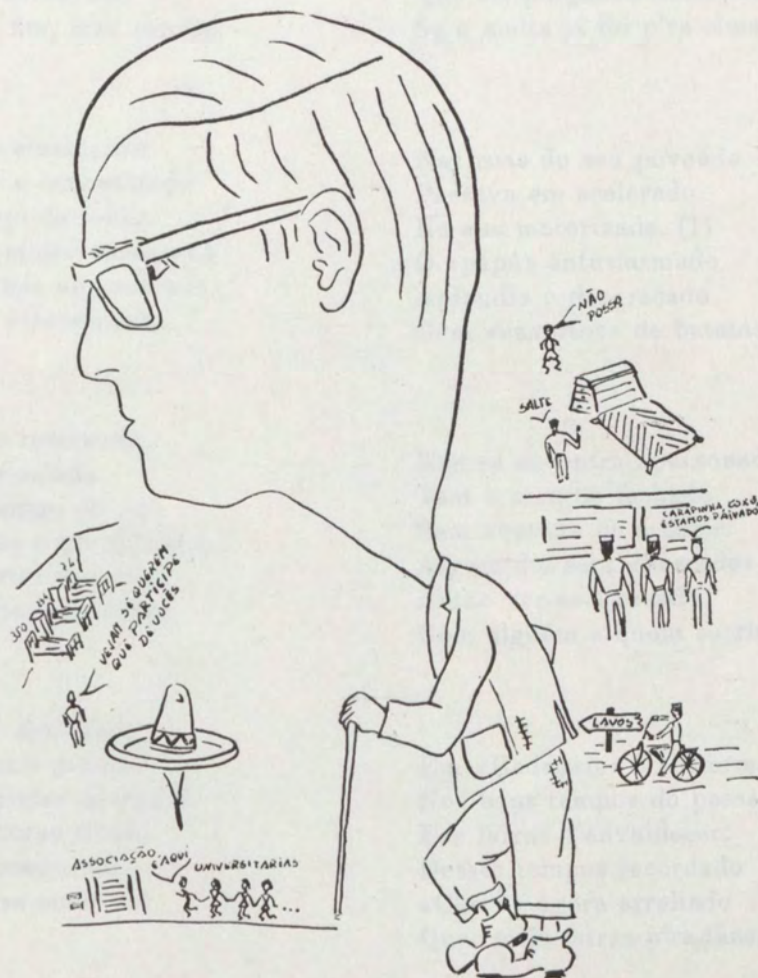
Mas o «Bilas», rapaz culto,
Nem só de desporto cuidou,
E assim, com igual gosto,
A obras de maior vulto,
Ele também se dedicou.

Pois bem «Bilas» amigo,
Diz adeus e vai-te embora
P'rá vida que vais começar,
Que já sabes que comigo,
Podes p'ra tudo contar!...

Tanto assim, todos o sabem,
Que ele sempre algo anda a ler,
E não simples «cowboyadas»,
Mas livros que o peso valem,
Que dão algo a aprender.

António Monteiro Reveles

C. M. E. M.



O meu pensamento desdobra-se
Em hipóteses absurdas
Quando deslizas até um canto
E és mudo, mudo, sempre mudo...
O teu espírito ausenta-se,
Fica longe como perto.
Ondes estás, ser estranho?
Solidão estranha, a tua,
Pacata, pacata...
Já conheço tantas solidões
Mas não, a tua foge-me.
Queres explicar-me?

António Vilas Boas

P'ra no «Pilão» ser alistado
Veio de Lavos embalado
Pois foi lá onde ele nasceu.
Agora velho e cansado,
Trôpego e corcovado
Chegou ao fim, mas venceu.

Baixinho e atarracado
Cabisbaixo e concentrado
Pouco amigo de folias.
E' por ser muito enrascado
Que é por nós apresentado
O Reveles «Geremias».

Algo muito reservado
'Tá sempre calado
E' muito amigo da paz.
Na ginástica é um falhado,
Nos desportos desastrado,
Mas é muito bom rapaz.

E's militar aprumado
Foste um ano graduado
Que mais podes desejar?
Já tens o curso tirado
O futuro assegurado
Agora pensa em c...!

Onze anos internado,
Este matemático falhado,
Acabou por cá andar.
Só por muito ter «marrado»
Sai este ano formado
Com bases para triunfar.

Não é um rapaz viciado
Mas um dia foi caçado
A fumar o seu bom «elo».
E por tal castigado
A estudar encerrado...
Oh! Que Carnaval tão belo!

Mesmo sendo graduado
Não consegue 'tar acordado-
A's seis horas da matina.
E' sempre muito espantado,-
Que ele pergunta ensonado
Se a malta já foi p'ra cima.

Nas ruas do seu povoado
Passava em acelerado
Na sua motorizada. (1)
O «papá» entusiasmado
Aplaudia o desgraçado
Com «enxertos» de batatada.-

Não se encontra apaixonado
Tem o coração fechado
Sem vontade de o abrir.
Algum dia será «pescado»
Então ver-se-á casado
Com alguém a quem sorrir.

Em «Badagaio» transformado-
Nos bons tempos do passado
Fez farras d'envaidecer.
Desses tempos recordado
«Chora» agora arreliado
Quer mais farras p'ra fazer

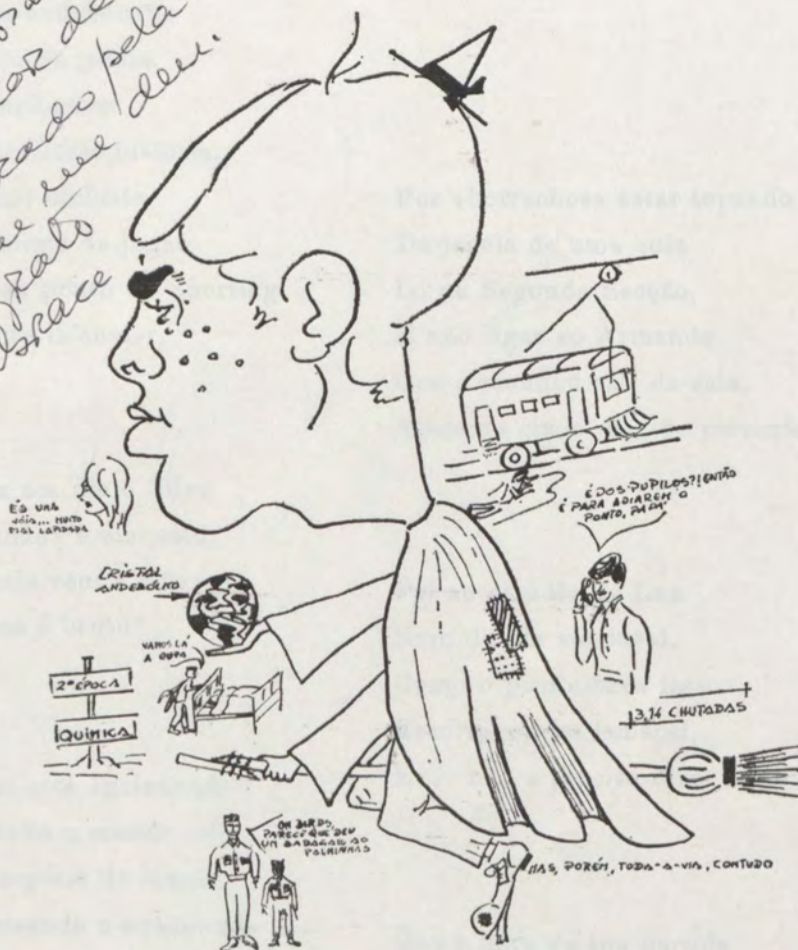
Saúde, sorte e dinheiro
São os votos dos colegas
RWP e Guerreiro.

(1) — Não era propriamente
uma motorizada, mas uma bi-
cicleta. Foi só para rimar.-

António Ribeiro da Silva

C. M. C.

Depois de
ter sido para
verem meu verdadeiro
avejo perante todos
me senti aterrorizado
grande ajuda deixor de
Eternamente grato pela
dixe-me que me
psily



Fugindo à tradição
Optámos p'la originalidade,
Cantaremos outro «Pilão»
Que cursou Contabilidade.

Celórico o viu nascer,
Felgueiras o criou,
P'ró «Pilão» veio viver
E a juventude passou.

A' saída da caverna
Situada numa mata,
Está o *Bruxa* solitário
Fazendo festas à gata.

Montado numa vassoura
Com uma bola na mão,
Vai desvendar o futuro
Da malta do «Pilão».

Dois anos andebolista
A' procura da glória,
As suas exhibições
Ficarão na nossa história.
O seu amor clubista
E a sua forma de jogar,
Levou-o ao ponto do Sporting
Um convite lh'enviar.

Rebentou um dia o Silva
A «queixada» a um puto,
Dias depois vem a mãe:
Apre, você é bruto!

Quem não está apaixonado?
Paixões todo o mundo tem.
Ou qual espécie de lança
Que surpreende o enamorado
Silva, fazendo olhinhos a alguém:
Talvez à... ou à...!

— Como é que foi isso, oh *Bruxa?*,
Pergunta a malta na risota.
— O eléctrico ia a andar
Tentei descer e... dei «bota».

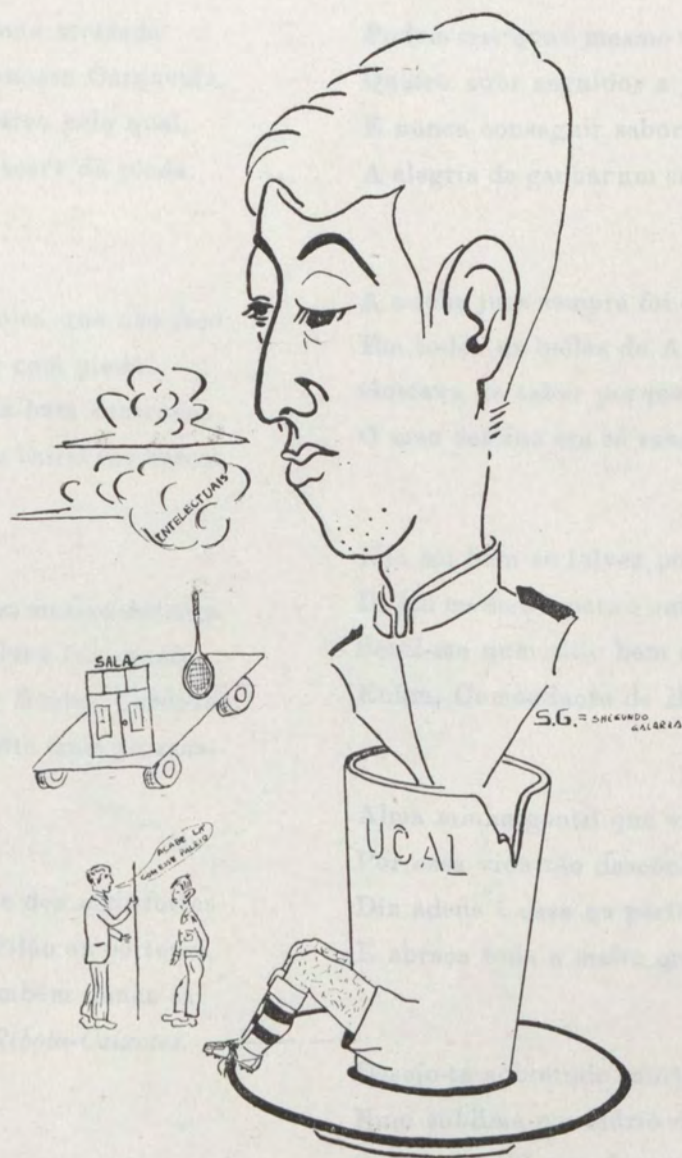
Por «borrachos» estar topando
Da janela de uma aula
Lá na Segunda Secção,
E não ligar ao Armando
Que o mandou sair da sala,
Apanhou cinco dias de privação.

Foi ao estádio da Luz
Num dia de vendaval.
Como o piso estava fresco
Escorregou no lamaçal,
E... não é preciso dizer o resto.

Que a hora da tua partida
Mil felicidades te dê,
Abraçam-te a sorrir
O Carvalho e o RWP.

Carlos Alberto Henriques Cardoso

C. M. E. M.



Juntou-se há nove anos com a malta
Mas tem ainda tudo na memória,
Acendam-se as luzes da Ribalta
E deixemo-lo contar a sua história:

«Mal entrei no Pilão fui alcunhado
Com um nome que já vem de geração,
Na altura não notei porque razão
De *Ganau* teria sido alcunhado.

Em época já bastante atrasada
E por alturas do «nosso Carnaval»,
Não sei bem o motivo pelo qual,
Tinha ganho o «Oscar» da piada.

Admira, porque coisa que não faço
E' contar anedotas com piada.
Se dissesse alguma bem «entrada»,
E' sinal de que me cairia um braço.

Fui também um bom motivo de troça
Por me dizerem talvez com gozo,
«Por exemplo ali o Senhor Cardoso
Está com a voz muito mais grossa».

Embora nunca fosse dos mais fortes
A' Especial cá do Pilão eu pertenci,
Mas tristemente também nunca saí
Daquele posto de *Rebola-Caixotes*.

No futebol para uns era *manhoso*.
Para outros era piegas ou doutor.
«Correr atrás da bola, não senhor,
Não é coisa que interesse ao Cardoso»

Podem crer que é mesmo muito chato
Quatro anos seguidos a jogar,
E nunca conseguir saborear
A alegria de ganhar um campeonato.

A minha jura sempre foi encher buracos:
Em todos os bailes da Associação.
Gostava de saber porque razão
O meu destino era só «andar aos tacos».

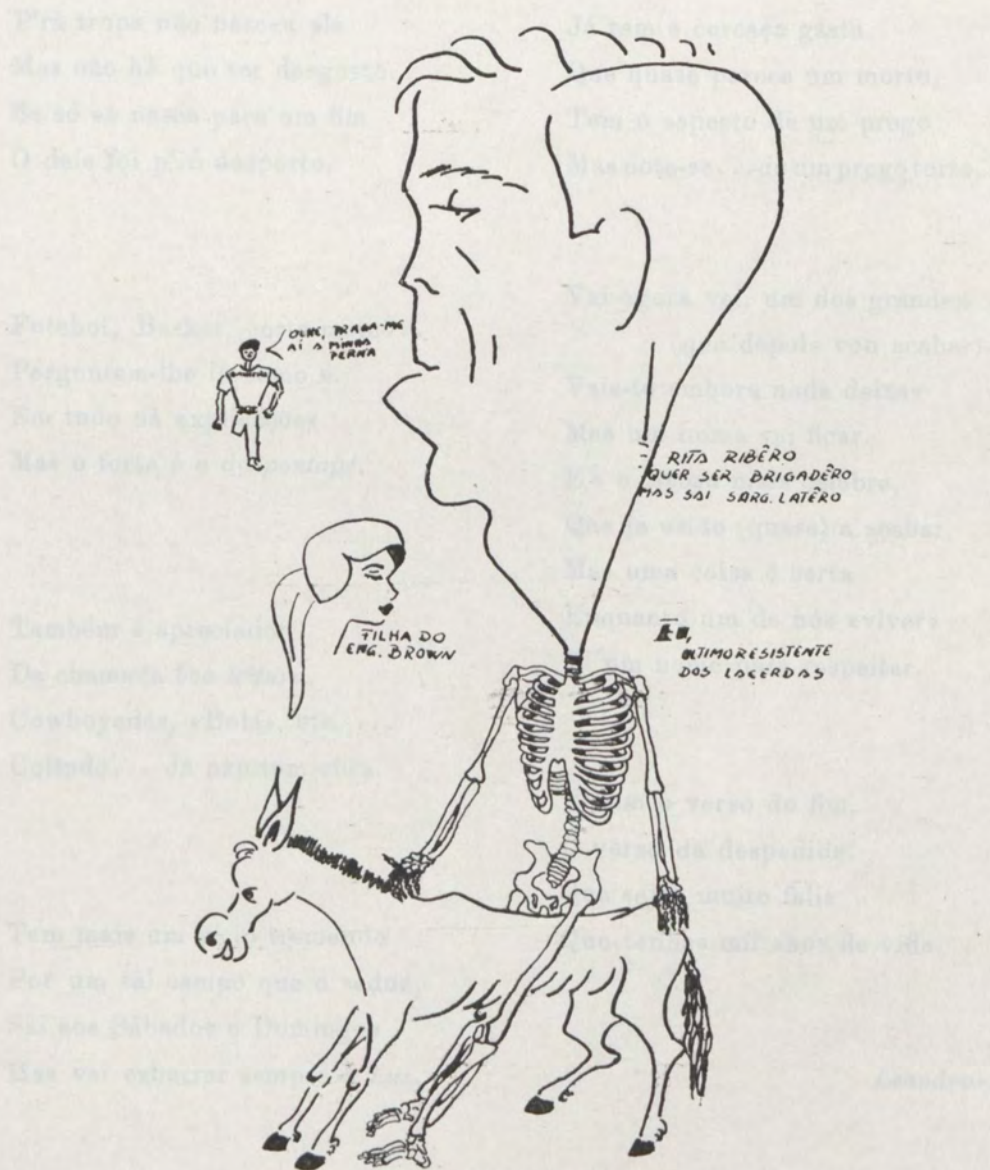
Não sei bem se talvez por tradição
De um momento para o outro dei um salto.
Senti-me num sítio bem no alto
Enfim, Comandante de Batalhão.

Alma minha gentil que vais entrar
Por essa vida tão desconhecida,
Diz adeus à casa na partida
E abraça toda a malta que ficar».

Desejo-te sobretudo muita sorte
Num sublime murmúrio de saudade,
Queira DEUS que dure até à morte
Esta nossa sólida amizade.

Domingos Rita Ribeiro

C. T. R. T. R.



Se a verdade está patente
Que não me tomem a mal,
Eis mais um que sai Sargento
E com o curso de oficial.

Está a vida trocada
P'ró nosso amigo *Ribêro*,
Não tem barriga para *Sorja*
Nem estofa para *Brigadêro*.

João Anselmo Domingues Lopes

C. T. R. T. R.

P'rá tropa não nasceu ele
Mas não há que ter desgosto.
Se só se nasce para um fim
O dele foi p'ró desporto.

Já tem a carcaça gasta
Que quase parece um morto,
Tem o aspecto de um prego
Mas note-se... de um prego torto...

Futebol, Basket, corta-mato...
Perguntem-lhe lá como é.
Em tudo dá explicações
Mas o forte é o do *pontapé*.

Vai agora vai, um dos grandes
(que depois vou acabar).

Vais-te embora nada deixas
Mas um nome vai ficar.
E's o *Ayoya* mais célebre,
Que já estão (quase) a acabar,
Mas uma coisa é certa
Enquanto um de nós «viver»
E' um nome para respeitar.

Também é apreciador
Da chamada *boa leitura*.
Cowboyadas, «Bola», etc. ...
Coitado... Já não tem cura.

E vem o verso do fim,
O verso da despedida.
Que sejas muito feliz
Que tenhas mil anos de vida.

Tem mais um vício tremendo
Por um tal campo que o seduz,
Sai aos Sábados e Domingos
Mas vai esbarrar sempre à *Luz*.

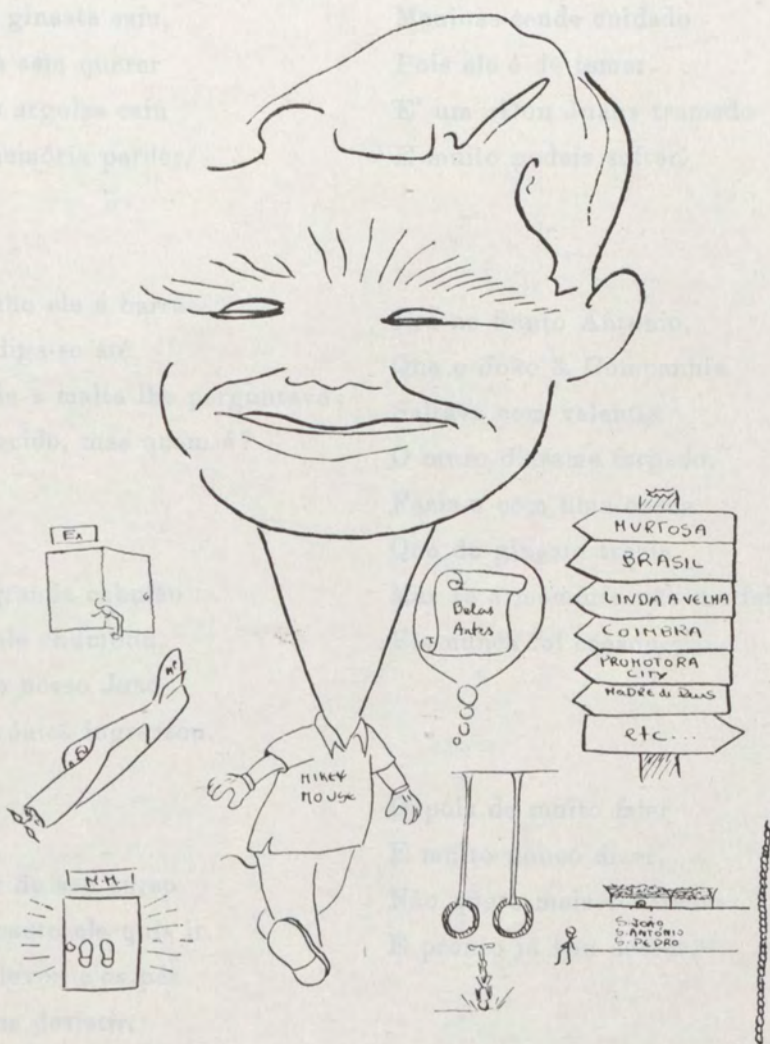
Leandro-

Um dia a brincar
Vou ao campo da Moura
Para ao Elias entrar
Será pra tirar um verso
Ou por a queijo lhe cheirar?

O seu nariz a arrabalar,
Quase parecido c'ô meu
De tão pequeno que é
Não se vê pra cheirar.

João Anselmo Domingues Lopes

C. T. R. T. R.



Um dia a brincar
Veio este da Murtosa
Para no Pilão entrar.
Seria p'ra tirar um curso
Ou por a queijo lhe cheirar?

O seu nariz a arrebitar,
Quase parecido c'o meu,
De tão pequeno que é
Nem se vê p'ra criticar.

João José Meneses Carapinha

C. M. E. M.

Um bom ginasta saiu,
E um dia sem querer
Daquelas argolas caiu
Para a memória perder.

No desenho ele é barra
Bestial, diga-se até,
Tanto que a malta lhe perguntava:
Está parecido, mas quem é?

Por ser grande cabulão
Um ano ele chumbou,
E assim o nosso João
Na Electrónica ingressou.

Já no fim do seu curso
P'rá Mercante ele quis ir.
Coitado, levou c'os pés
E teve que desistir.

Um azarento, isso é ele,
Depois do desaire contado,
Não se dando por dominado
O *Brevet* pensou tirar.
Mas que aversão a dele
P'ra novamente falhar?...

Meninas tende cuidado
Pois ele é de temer...
E' um «Don Juan» tramado-
E muito podeis sofrer.

Era no Santo António,
Que o João & Companhia
Saltava com valentia
O muro d'arame farpado.
Fazia-o com uma corda
Que do ginásio trazia,
Mas se a memória não me falha-
Ele nunca foi caçado.

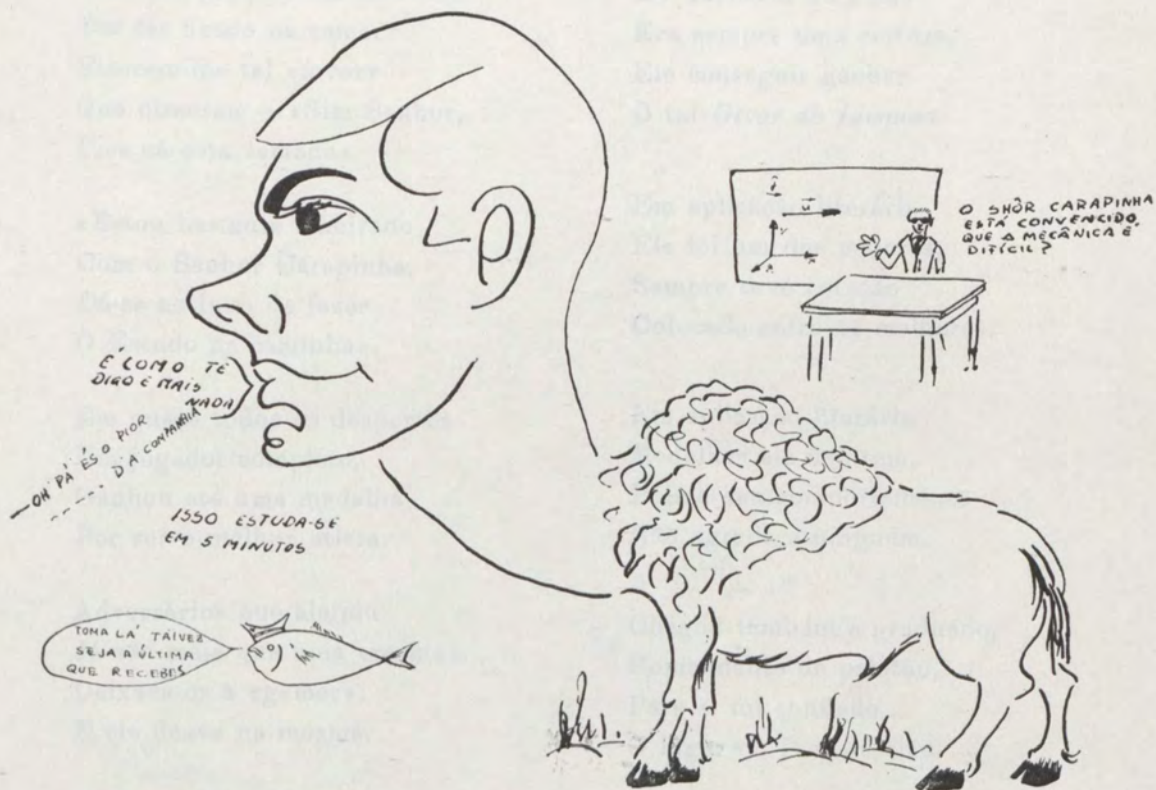
Depois de muito falar
E muito pouco dizer,
Não quero mais «chatear»
E pronto já vou descer.

Mas antes vou-te abraçar
Pois logo tu vais partir.
E mesmo para rimar
Não me vou ficar a rir.

Vilasboas

João José Meneses Carapinha

C. M. E. M.



Este é um dos finalistas
«Daquela massa popular»
Portanto da sua vida
Tem muito que nos contar.

E' todo descontraído
Mas muito desengonçado,
Tem um andar esquisito
Que parece um aleijado.

Nunca se cala com nada
E' portanto um refilão,
Mas segundo alguns «Espertos»
Tem fama de «resmungão».

Seu vestuário era um mimo
Uma autêntica avaria,
Suas calças eram feitas
De «fibra de porcaria».

O blusão esse, coitado,
Parecia ter sido dado
Por um pobre «foragido».
Com as botas isso então
Dava mesmo a impressão
De serem de um «mendigo».

A gravata e o barrete
São para ele um tesouro,
Pois conseguiu-os de graça
Cá no nosso «Vazadouro».

Também ganhou um «louvor»
Por ter ficado na cama.
Fizeram-lhe tal «favor»
Que disseram — «Sim Senhor,
Fica cá esta semana».

«Estou bastante admirado
Com o Senhor Carapinha,
Dá-se ao luxo de fazer
O Estudo na caminha».

Em quase todos os desportos
Um jogador completo,
Ganhou até uma medalha
Por ser o melhor atleta.

Adversários que aleijou
Já são mais que uma «resma».
Deixava-os a «gemer»
E ele ficava na mesma.

Medalhas de atletismo
Ele junta e remonta.
Já são tantas, tantas, tantas...
Que até lhe perdeu a conta.

O «Prémio de arrumação»
Onde muitos se batiam
Para ver se conseguiam
A alegria de o ganhar,
Não tinha nele pretendente.
Sòmente se esforçava
P'ra ver se se colocava
Só no último lugar.

A's vezes aborrecido
Virava-se assim p'rá malta:
«Isto é uma... chatice
Hoje só tive dez faltas».

No *Carnaval* do Pilão
Era sempre uma certeza,
Ele conseguir ganhar
O tal *Oscar da Limpeza*.

Em aplicação literária
Ele foi um dos maiores,
Sempre teve cotação
Colocado entre os melhores.

Em aplicação literária
Medalhas ele não tem,
Pois o seu comportamento
Não agrada a ninguém.

Chegou também a graduado,
Comandante de pelotão,
Para si foi confiado
O lugar de Porta-Guião.

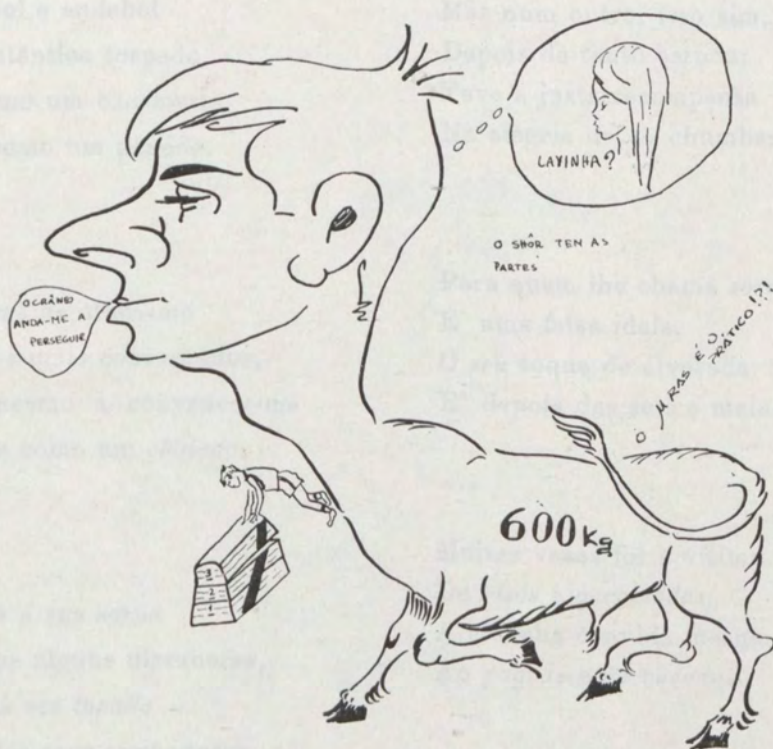
Podem estar todos convencidos
Que há mais para contar,
Mas é certo e sabido
Que não se podem divulgar.

Por exemplo as *vacadas*
Onde ele andou metido
Não as posso explicar.
Deus me livre, é proibido.

Além de um bom colega
Também foste um grande amigo,
Dá cá portanto um abraço
E deixemo-nos de rimas.

João Lobato Ferreira

C. M. E. M.



«O' meu Josézinho
Eu não sou daqui.
Sou do Ladoeiro
Que te importa a ti».

Entrou p'ra cá com dez anos,
Vejam bem, um miudinho!
Mas morou cá tanto tempo
Que lhe chamam *Avôzinho*.

E' do tempo em que o muro
Chegava até à ribeira,
E quase da mesma idade
Da conhecida *Palmeira*.

Quem olha para ele vê
Que é *magrinho* e muito *esguito*,
Tem a *mona* mais comprida
Que o túnel do *Rossio*.

Joaquim João Pinheiro Pinto

C. T. R. T. R.

No futebol e andebol
E' um autêntico torpedo
Forte como um bacamarte
E duro como um penedo.

Nas provas de atletismo
E' um dos mais consagrados,
Chego mesmo a convencer-me
Que corre como um *chalado*.

Por vezes a sua *sorna*
Causou-lhe alguns dissabores,
Por fim já era *topado*
Por um dos seus treinadores.

Custou a entrar p'ra Máquinas
Onde se encaixou por fim,
Mas foi preciso um ano
A servir de trampolim.

Nesse ano do seu curso
Que ele não quis subir,
Gostou tanto... tanto dele,
Que pediu p'ra repetir!

Mas num outro, isso sim,
Depois de tanto estudar
Teve a justa recompensa
Na alegria de... chumar!

Para quem lhe chama *sorna*
E' uma falsa ideia,
O seu toque de alvorada
E' depois das seis e meia!

Muitas vezes foi a vítima
De *risos* e *garraíadas*,
A alcunha convida mesmo
Ao *pagode* e às *vacadas*.

Também chegou a graduado
Num posto mesmo a calhar,
No lugar de ajudante
Fartou-se de trabalhar!...

A terminar vai um abraço
Para ti amigo Lobato,
Mas tens que reconhecer
Que o *Zé* é um grande rato.

Ex-aluno 129 — Oliveira

Joaquim João Pinheiro Pinto

C. T. R. T. R.

É um rapaz requintado,
Todo torto e suspenado,
Com a fal voz de trovão
É um andar desengonçado.

Por causa de um miúdo
Foi castigado certo dia,
Dança também piratada
Que o põe na enfermaria.

Aliás é considerado
Um rapaz muito melizado,
Depois de tudo passado
Dis-nos ele admirado:
Só lhe dei um

Uma coisa re
Que já re
E' que ou
Ou ando por si

O-Zé mex com frequência
Que sublima tristezas
Estares a jogar futebol
Com tão pouca habilidade
E' a pura nulidade
A miséria exposta

Entre a mí E
Para conseguir
Porque é mesmo impossível
Qualquer aluno abusar

Na escola de andebol
Ele
Aliás
Deu
E' q
Aq
Não tem melhor compo

Oiço leve... levemente,
Chamam de perto por mim.
Não é o Zé concerteza
Porque ele não fala assim.

Por fim lá foi prometido
Passou no mês seguinte
Ao Senhor

Quando
Ela-ne
Quando
Ela-ne

Quando
Ela-ne

Quando
Ela-ne

Quando
Ela-ne

Quando
Ela-ne

Quando
Ela-ne

Quando
Ela-ne

Quando
Ela-ne

Quando
Ela-ne

Quando
Ela-ne

Quando
Ela-ne

Quando
Ela-ne

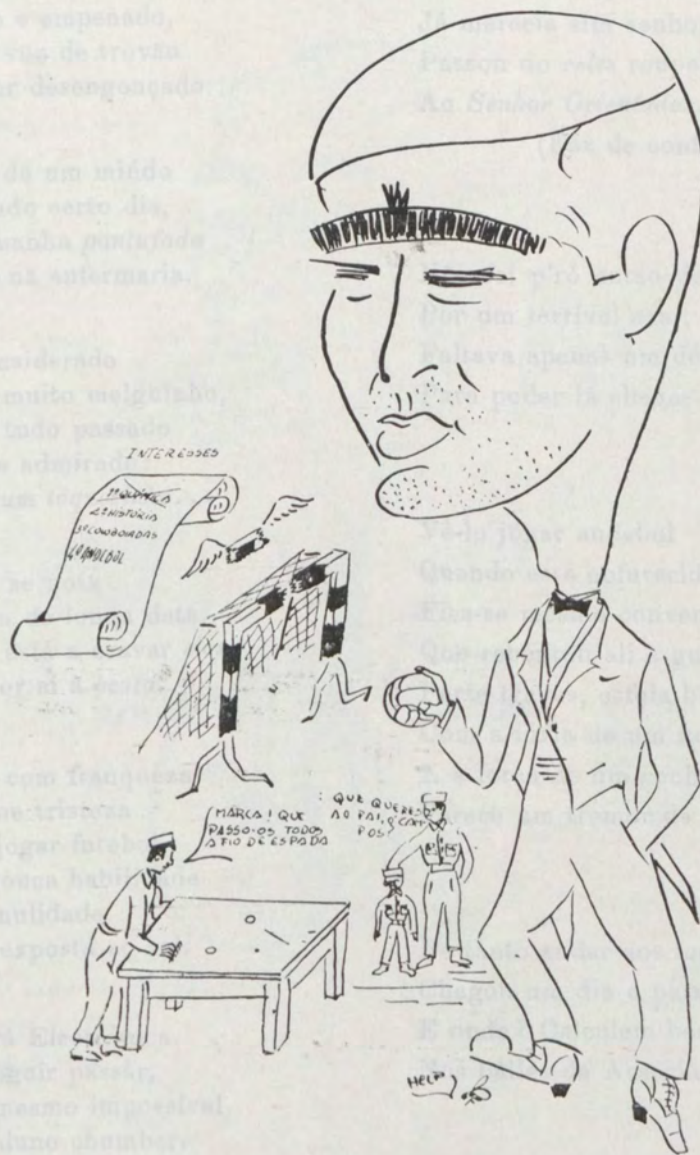
Quando
Ela-ne

Quando
Ela-ne

Quando
Ela-ne

Quando
Ela-ne

Quando
Ela-ne



Aquela voz cavernosa
Puramente singular
Essa sim, já é do Zé,
E'-lhe tão peculiar.

E' um rapaz esquisito,
Todo torto e empenado,
Com a tal voz de trovão
E um andar desengonçado.

Por causa de um miúdo
Foi castigado certo dia,
Deu-he tamanha *pantufada*
Que o pôs na enfermaria.

Aliás é considerado
Um rapaz muito meiguinho,
Depois de tudo passado
Diz-nos ele admirado:
Só lhe dei um toquezinho...

Uma coisa se nota
Que já vem de longa data,
E' que ou está a cravar *elos*
Ou anda por aí à *beata*.

O' Zé mas com franqueza
Que sublime tristeza
Estares a jogar futebol.
Com tão pouca habilidade
E' a pura nulidade
A miséria exposta ao sol.

Entrou p'rá Electrónica
Para conseguir passar,
Porque é mesmo impossível
Qualquer aluno chumbar.

Na secção de andebol
Ele é muito respeitado,
Aliás considerado
De entre todos o primeiro.
E' que todas as camisolas,
As bragas, as caneleiras,
As botas e as joalheiras,
Não têm melhor roupeiro.

Por fim lá foi promovido
Já merecia sim senhor,
Passou do *reles* roupeiro
Ao *Senhor Orientador*.

(Faz de conta que sim)

Não foi p'ró curso de Máquinas:
Por um terrível azar,
Faltava apenas um décimo
Para poder lá chegar.

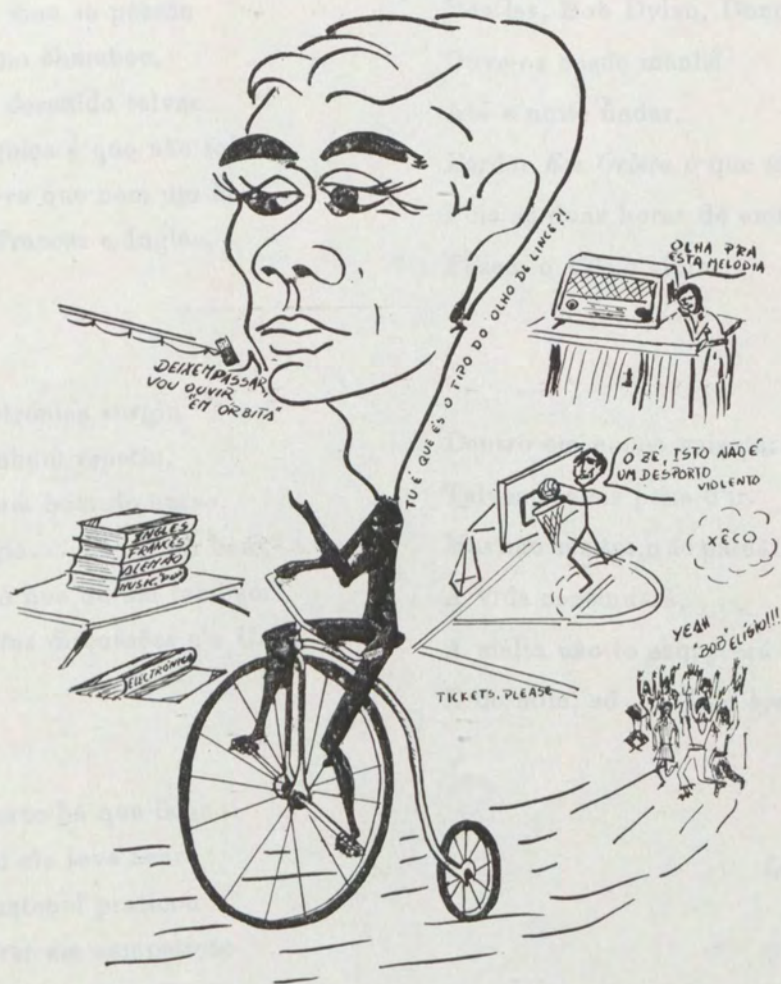
Vê-lo jogar andebol
Quando está enfurecido,
Fica-se mesmo convencido
Que rebentou ali a guerra.
Parte traves, esfolia braços,
Com a fúria de um furacão.
É a força de um canhão,
Parece um tremor de terra.

De tanto andar aos *tacos*
Chegou um dia a paixão.
E onde? Calculem bem!...
Nos báiles da Associação.

Falemos de Zé para Zé
Como no tempo antigo,
Troquemos um grande abraço,
Até sempre, bom amigo.

Manuel Nunes Elisiário

C. T. R. T. R.



Eis mais um estagiário,
Eis o amigo Elisiário,
Eis mais um que acabou.
Em breve nos vai deixar
Antes porém quero contar,
Sua história que já findou.

Nove anos já lá vão,
Desde que entrou no Pilão
Onde ficou *hospedado*.
Distinguiu-se pela *pequenez*,
Também pela *pacatez*,
Além de ser rapaz calado.

Orlando da Silva Mateus

O. T. R. R.

Nada de mau se passou
Só um ano chumbou,
Mas por descuido talvez.
Por preguiça é que não foi,
Pois *marra* que nem um boi,
Mas só Francês e Inglês.

Em Electrónica surgiu
Aqui nenhum repetiu,
Foi até um bom do curso.
No estágio... não o sei bem,
Mas creio que duram também
As célebres discussões c'o Urso.

No desporto há que falar
Já que aí ele teve azar
Só basquetebol praticou
Quis entrar em competição
Pensou no campeonato em vão,
Pois este não se realizou.

Beatles, Bob Dylan, Donovan,
Ouve-os desde manhã
Até a noite findar.
Perder *Em Órbita* é que não,
Pois as duas horas de emissão..
Fazem o *Elisio* vibrar.

Dentro em pouco vais partir
Talvez tenhas pena d'ir.
Mas não hesites, não pares... vai!
A vida continuará,
A malta não te esquecerá
E de mim, só... *Good bye*.

Leandro

Orlando da Silva Mateus

C. T. R. T. R.



Chama-se Orlando Mateus,
Mas *Nery* alguém lhe chamou.
De novo, deixou os seus
E para o Pilão entrou.

E' o ídolo dos mais novos,
Quando joga na baliza,
Ele tem arte, na verdade,
Mas também dramatiza!

Foi perito em ginástica
E apesar de muito treino,
O *Gordo* tem grande plástica.
No futebol, um campeão!
Jogou na equipa do Pilão,
Foi um guarda-redes com genica.
Chegando a ser o primeiro.

Também foi castigado
Por num belo domingo
No ginásio ter entrado,
Sem prévia autorização.

Foi para a separação,
E com o cabelo rapado ⁽¹⁾
Ficou o nosso amigo.

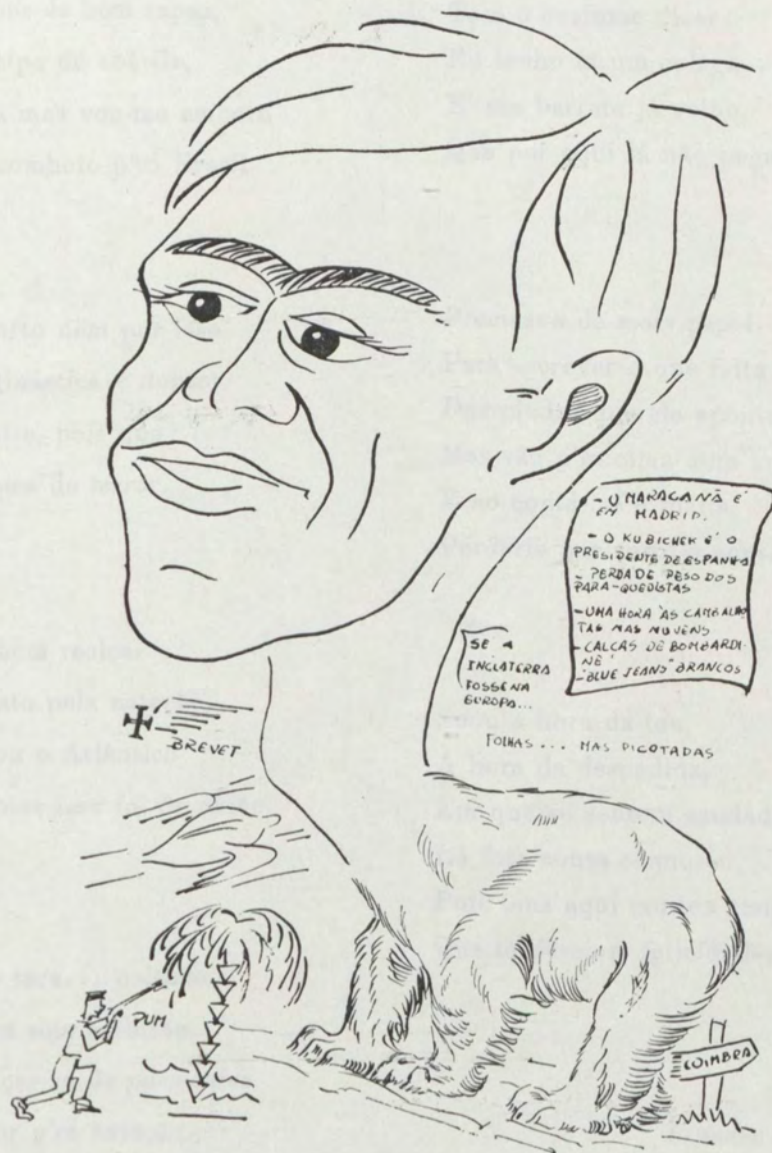
O seu maior mistério
E' a história dos seus amores.
Por isso fica ao seu critério
Divulgar os pormenores.

Sei que levas saudades
Quando disseres adeus,
Levas recordações da malta
E muitos abraços meus.

(1) *Por acaso escapou...*

Victor Ferreira de Campos

C. T. R. T. R.



Caros amigos... senhores
Eis aqui um dos doutores
Em Electrónica formado.
Por *Fields* é conhecido,
E' Campos por apelido
E de Urso é alcunhado.

O' Campos és bom rapaz,
E's um tipo do «baril»,
Desculpa mas vou-me embora
Vou de comboio p'ró Brasil.

No desporto nem por isso
Mas na ginástica é doutor.
Não admira, pois que
E' da época do *terror*.

Quero tabém realçar
O seu gosto pela natação,
Atravessou o Atlântico
Bem... mas isso foi de avião.

Tem uma tara... coitado,
Que talvez seja ambição,
Há-de lançar-se de *pára-raios*
Quando for p'rá aviação.

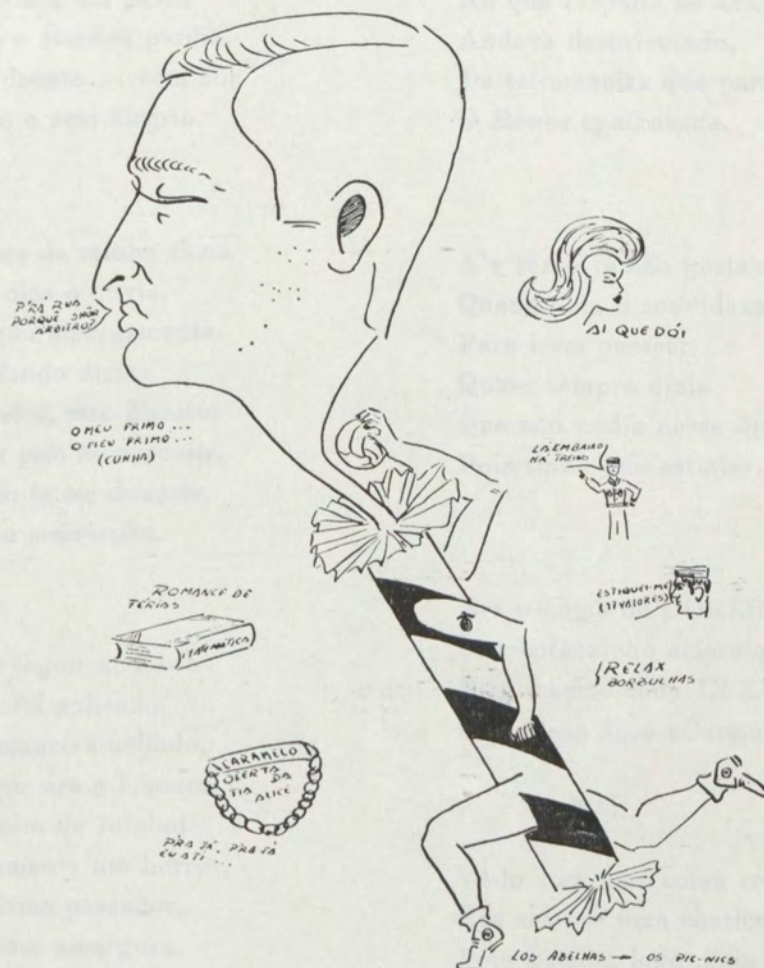
Tem o costume dizer:
Eu tenho aí um colega...
E' um barrete já velho,
Que por aqui já não pega.

Precisava de mais papel
Para escrever o que falta
Das piadas que ele aponta,
Mas são p'ra cima dum milhar
E ao contá-las à malta,
Perderia por certo a conta

Soou a hora da ida,
A hora da despedida,
Em que se sentem saudades.
Lá fora conta connosco,
Pois tens aqui muitos amigos
Que te desejam felicidades.

Victor Manuel Toureiro dos Santos Tendeiro

C. M. E. M.



Teve azar quando foi
Pela malta alcunhado,
Mas enfim, teve que ser
Cá no Pilão baptizado.

Sabe um pouco de tudo,
Principalmente no estudo
E' um rapaz de *cachola*,
Sabe o que vem nos livros
E no *Mundo Desportivo*,
E até o que vem na *Bola!*

Só vê-lo era um pavor
Quando o Benfica perdia.
Ficava doente... sem cor
Cansado e sem alegria.

A's vezes da minha cama
Muitos dias o ouvia,
Soluçando amargamente.
Desabafando dizia:
Oh Euzébio, meu Euzébio
Nem um golo tu marcaste.
Que pena tu me deixaste,
Tamanha melancolia.

Quando jogou andebol
Sempre foi aplicado.
De tal maneira coitado,
Que jogar era a loucura.
Mas porém no futebol
Simplesmente um horror,
Um enorme passador,
Uma triste amargura.

O seu móvel era um ninho,
Alvo de concentração,
Onde se acumulavam
Os bichos da povoação.

Mesmo assim lá foi ganhar,
Não sei bem porque razão,
Aquele placazinha
De *asseio e arrumação*.

No que respeita ao amor
Andava desorientado,
De tal maneira que parecia
O *Romeu apaixonado*.

A's vezes já não gostava
Quando ela o convidava
Para irem passear.
Quase sempre dizia
Que não podia nesse dia
Pois tinha que estudar.

Era o nome de DORES,
Seu botãozinho amarelo;
Está mesmo toda IN LOVE
Com o seu doce «Caramelo».

Vê-lo com uma coisa «nova»
Era sempre uma chatice,
Pois a malta logo dizia
Que aquela oferta seria
Dada pela TIA ALICE.

Diz a eterna *Lei da Vida*
Que o tempo está a correr,
Mas a nossa amizade
É impossível morrer.

Amândă, amărețel a vieții ...

*Eu voi uni a țării
Dându-i respirație și respirație
De către adânc
O raie asilă și de laudă fâcătoare
Pierde-mă a o cântec
Oș meaz lăbură cum a înțeles de
Născu orăde de băieți*

Conscientes

*Desarol os degraș
...
...
...
Oș meaz păsor țorâr se de
Uma proze de suor,
E lăbură
O meaz vior se de arentă
Nu Humanidade
Respiră lo-el născu esgăto
E drogare a asilă
De lafortăno
De suor amăciade pila lătu
Suare de sângue una orăde*

*E născu gâră
Sare a răsărit de laudă
Dez energiz esgăto
Oș meaz pila mărețel de țării
O invătoare de laudă de țării ...*

Mărețel păsor de laudă

VILASBOAS

Amanhã, começarei a viver...

*Eu sei que é tarde
Quando respirar o despertador
Do quarto ao lado.
O ruído suplicante daquela fábrica
Picar-me-á o cérebro.
Os meus lábios comprimir-se-ão
Numa oração de bocejos.*



*Descerei os degraus
De quatro em quatro,
E atirar-me-ei ao eléctrico.
Os meus passos tornar-se-ão
Uma prece de suor,
E lutarei.
O meu viver será de crente
Na Humanidade.
Respirá-la-ei nestes esgotos,
E drogarei a existência
De infortúnios.
De suor amaciado pela luta,
Suarei de sangue uma oração.*

*E nessa guerra,
Soará o recolher obrigatório
Das energias espalhadas.
Os meus olhos cobrir-se-ão de tréguas.
O invólucro deixará de bater a fúria!...*

Morrerei porque vivi!

VILASBOAS

